

Música e inclusão no curso de licenciatura em música da UFCG: primeira oficina de música para pessoas surdas

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Marisa Nóbrega Rodrigues
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
marisanbr@gmail.com

Resumo. Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência vivenciada na disciplina Educação Musical Especial, do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Durante nossas leituras e reflexões em torno das questões que envolvem a educação musical para pessoas com surdez, percebemos que tínhamos com um palco ideal – feito de madeira, com altura em torno de 20 cm do chão, fazendo assim, uma caixa acústica perfeita para o som ressoar e vibrar sob os pés dos estudantes surdos. Assim sendo, foi realizada a primeira oficina de música com estudantes surdos. Como apoio teórico para esta experiência, evidenciamos os trabalhos de Louro (2012; 2018), Rodrigues (2018; 2019a; 2019b) que apontam para a necessidade de fazer adaptações para incluir, especialmente as pessoas surdas, nas aulas de música. Observamos, como resultado, a participação dos estudantes com deficiência em uma experiência musical diferenciada.

Palavras-chave. Educação musical inclusiva, Pessoa com surdez, Vivências musicais

Music and Inclusion in the UFCG Undergraduate Music Education Program: First Music Workshop for Deaf Individuals

Abstract. This paper aims to report an experience carried out within the course Special Music Education, part of the Bachelor's Degree in Music at Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Throughout our readings and reflections on issues related to music education for people with deafness, we realized that we had access to an ideal stage—made of wood and approximately 20 cm high from the floor—thus creating a perfect resonance chamber for sound to vibrate beneath the feet of the deaf students. Based on this, the first music workshop with deaf students was held. As theoretical support for this experience, we highlight the works of Louro (2012; 2018) and Rodrigues (2018; 2019a; 2019b), which emphasize the need to implement adaptations to promote inclusion, particularly of deaf individuals, in music classes. As a result, we observed the active participation of students with disabilities in a unique musical experience.

Keywords. Inclusive music education, Deaf person, Musical experiences



Introdução

A disciplina Educação Musical Especial é ofertada no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). No decorrer das aulas, percebíamos a necessidade de realizarmos atividades práticas de musicalização com pessoas surdas, no intuito de unir a teoria com a prática.

Considerando que existe na nossa universidade o curso de Letras/Libras e que tínhamos um ambiente propício à realização de uma vivência musical com pessoas surdas, resolvemos fazer a primeira experiência de uma oficina direcionada para estudantes surdos. Assim, este trabalho tem como objetivo relatar como ocorreu a primeira oficina de música direcionada a pessoas surdas, realizada ao longo da disciplina de Educação Musical Especial, do curso de Licenciatura em Música da UFCG.

Entre os autores que ancoraram essa oficina, destacamos Louro (2012; 2018) e Rodrigues(2009b) que apresentam propostas de práticas de musicalização com estudantes surdos. Assim, algumas atividades abaixo descritas foram inspiradas nos autores mencionados, com as devidas adaptações ao contexto da referida oficina, como veremos adiante.

O curso de licenciatura em música da UFCG e a educação musical inclusiva

Antes mesmo de adentrarmos na descrição e análise da oficina de música para pessoas surdas, vale fazer um breve panorama sobre como ocorre o processo de ensino-aprendizagem realizado na disciplina Educação Musical Especial.

Com carga horária semanal de 4 horas, a disciplina acima mencionada, tem como foco o ensino de música para pessoas com deficiência. Para tanto, o arcabouço teórico que sustenta as nossas discussões está ancorado em pesquisadores da área como, Gomes e Souza(2017), Guerreiro(2012), Hagiara-Cervelline(2003), Perlin(2004), Quadros(2008), Schambeck(2016), Louro(2012; 2018), dentre outros.

Nesse percurso, considerou-se essencial o estudo das políticas públicas voltadas às pessoas com deficiência. Evidenciamos o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), cuja leitura e discussão nos permitiram aprofundar a compreensão sobre os



direitos educacionais assegurados às pessoas com deficiência, especialmente aqueles contemplados no capítulo dedicado à educação.

A partir desse referencial, passamos a observar, com maior atenção, as estruturas de apoio existentes na instituição. Nesse contexto, destaca-se o papel do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFCG (NAI-UFCG), responsável por oferecer suporte aos estudantes com deficiência. O núcleo atua de forma significativa na coordenação dos editais de monitoria inclusiva, além de disponibilizar acompanhamento psicológico aos discentes que solicitam esse atendimento.

Além dessas ações, o NAI promove encontros formativos, palestras e atividades que visam fortalecer o diálogo entre a família, o estudante e o corpo docente, contribuindo para a construção de uma rede de apoio mais eficiente e humanizada. Com o objetivo de conhecer mais de perto o funcionamento do núcleo e ampliar nossa compreensão sobre suas estratégias de atuação, realizamos visitas periódicas às suas instalações, o que tem enriquecido nossa prática formativa e nosso compromisso com a inclusão.

Vale ressaltar que consideramos importante que os estudantes possam verificar in loco, por meio de aulas de campo, como instituições públicas e privadas, da cidade de Campina Grande, promovem aulas de música para pessoas com deficiência. Assim sendo, visitamos o Instituto dos Cegos e o Instituto Brenda que possuem salas de música e professores qualificados na área, promovendo assim, atividades de educação musical para pessoas com deficiência.

Buscando ampliar nosso relacionamento com outras universidades que têm relevante atuação na área de educação musical para pessoas com deficiência, participamos de encontros promovidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Esse intercâmbio nos levou a publicar artigos, abaixo citados. Posteriormente, realizamos rodas de conversa com a professora cofundadora de cursos de música para pessoas com deficiência. Durante esses encontros, fomos surpreendidos com diversas performances realizadas junto a pessoas com deficiência. Nesse ínterim, conhecemos o primeiro aluno daquela instituição, com microcefalia, que aprendeu a tocar pandeiro e outros instrumentos de percussão.

Ressaltamos, ainda, que ao longo da disciplina mencionada, realizamos periodicamente uma oficina de Braille no Instituto dos Cegos da cidade de Campina Grande. Essa vivência prática nos conduz, em seguida, ao estudo da musicografia Braille, permitindo uma compreensão mais aprofundada e contextualizada desse sistema (TOMÉ, 2003).



Buscou-se também, discutir e refletir sobre diversas deficiências e as adaptações necessárias para atender às especificidades de cada indivíduo com deficiência. Ressaltamos a experiência singular de um estudante que ministrou aulas de ukulelê a uma criança com nanismo, ao tempo em que realizava as discussões sobre educação musical inclusiva no curso de licenciatura em música da UFCG. Frequentemente, ao chegar à residência da criança, esta encontrava-se deitada no sofá devido a dores que dificultavam a permanência na posição sentada. Não obstante tais limitações físicas, a criança demonstrava intenso interesse e motivação, o que levou o estudante a conduzir a aula, com ele deitado.

O estudante nos contou que a criança era tímida e, aos poucos, foi conseguindo socializar, passando a tocar ukulelê em todas as festas da família e entre amigos. Os responsáveis relataram uma mudança significativa no comportamento e na socialização da criança após esse processo. Percebemos nessa experiência que cada pessoa com deficiência é única e o professor tem a função de mediar o processo de ensino-aprendizagem, promovendo a inclusão por meio de atividades adequadas às necessidades do seu aluno.

Como desdobramento dessas experiências, surgiram pesquisas que, aliadas às vivências em sala de aula, resultaram na publicação de alguns artigos, os quais refletem parte do estudo desenvolvido na referida disciplina (RODRIGUES; GUIMARÃES; ALBUQUERQUE, 2018, 2019a, 2019b). Esses registros acadêmicos reforçam a importância de práticas músico-pedagógicas inclusivas.

Durante esses anos em que lecionamos a disciplina Educação Musical Especial, buscamos qualificação, especialmente, fazendo cursos de extensão em Libras. Esse fato ampliou nossa compreensão em torno da educação musical inclusiva. Percebemos, por fim, que os estudos e as práticas de educação musical inclusiva, desenvolvidas no âmbito do curso de licenciatura em música da UFCG, vem transformando a maneira de conduzir o processo de ensino-aprendizagem de música para pessoas com deficiência.

Primeira oficina de música para pessoas surdas

A UFCG oferece o curso de Letras/Libras, que conta com a participação de diversos estudantes surdos e ouvintes. Em determinada ocasião, conversei com o coordenador do



referido curso sobre a possibilidade de realizar uma oficina de música voltada aos discentes surdos. A proposta foi prontamente acolhida.

Verificamos que o auditório do prédio onde funciona o curso de música da UFCG, possuía um piso construído com madeira, elevado cerca de 20 cm do chão, ideal para nossa proposta, pois funcionava como uma caixa de ressonância, permitindo que os participantes percebessem a vibração do som pelos pés. Sobre essa questão, Louro (2012, p. 196) afirma que se “[...] possível, as atividades devem se realizar sobre um tablado de madeira, oco e distanciado cerca de 15 centímetros do chão, a fim de que (através da vibração da madeira), fique mais fácil para os alunos, a percepção das vibrações dos instrumentos.”

Dessa maneira, preparamos na coletividade da nossa disciplina, atividades a serem desenvolvidas com os surdos, inspirados em Louro (2012; 2018). Vale salientar que contamos com a participação de dois intérpretes de Libras, vinculados à universidade. Os estudantes participantes da oficina eram discentes do curso de Letras/Libras da UFCG e, também, estudantes da disciplina Educação Musical Especial. Contamos, também, com a participação do professor coordenador do curso de música UFCG.

Seguindo sugestões de Viviane Louro (2012, p. 202), primeiramente, levamos um diapasão, para que os participantes surdos pudessem verificar como acontece a propagação do som na água. Logo após, colocamos arroz sobre um pandeiro e, quando a alfaia era percutida, o pandeiro vibrava e era possível visualizar o arroz se movimentar. Na etapa seguinte, todos e todas subiram ao palco de madeira, descalços, para facilitar o contato direto dos pés com a madeira, que vibrava ao som da alfaia tocada por uma aluna.

Na última atividade proposta, amarelinha africana, elaborada pelos discentes do curso de música, os estudantes deveriam andar, num determinado ritmo, por uns quadrados, marcados com fita crepe no chão. Assim, ao som da alfaia executada por uma aluna que marcava o pulso, seguindo uma sequência, movimentavam-se batendo os pés no chão, passando de um quadrado para outro.

Percebemos que a maioria conseguiu, com êxito, pular em sincronia com a pulsação, nos referidos quadrados. Ressaltamos que, apenas um estudante, surdo e com baixa visão, não conseguiu realizar a proposta, apesar das várias tentativas de adaptações improvisadas na hora, por exemplo, um aluno segurou em suas mãos, enquanto outro, percutia o pulso nas suas costas. Mesmo assim, o estudante não alcançou nosso objetivo: vivenciar a pulsação, pulando nos



quadrados. Verificamos, com esse fato, que precisaríamos ter tido conhecimento prévio sobre as limitações desse estudante, para pensarmos, especificamente, nas adaptações necessárias para incluí-lo na atividade, respeitando suas limitações.

Para encerrar a oficina, realizamos a última proposta com a colaboração de uma licencianda em música (piano) que planejou esse momento. Dessa maneira, convidamos os discentes para colocarem a mão no piano, no intuito de sentirem as vibrações emitidas no momento em que a estudante tocava o piano. Posteriormente, os estudantes surdos tiveram a oportunidade de executarem pequenas melodias no piano. Interessante perceber o interesse deles em querer tocar o piano ao tempo em que sentiam as vibrações advindas do som produzido.

Um detalhe vale evidenciar. Entre as pessoas surdas, havia uma estudante que já tinha feito aulas de piano. Assim sendo, ela foi solicitada para tocar a melodia da música *Asa Branca* e a professora, em formação, realizava o acompanhamento com a mão esquerda. Foi interessante perceber que um dos intérpretes de Libras, ao ver os surdos tocando piano, ficou entusiasmado e até emocionado. Depois ele nos relatou que aquela experiência tinha sido única e muito significativa para ele.

No final, perguntamos aos surdos qual foi o sentido daquela oficina sob o ponto de vista deles. Boa parte relatou que a experiência tinha sido muito importante, pois conseguiram sentir as vibrações no corpo nas atividades de bater o pé no chão e na atividade de executar o piano.

Considerações Finais

Observamos que a disciplina Educação Musical Especial vem modificando e ampliando as práticas de educação musical inclusiva no âmbito do curso de licenciatura em música da UFCG, formando futuros professores críticos e reflexivos em torno das questões referentes ao ensino de música para pessoas com deficiência.

Dentre as práticas musicais realizadas, destacamos a primeira oficina de música para pessoas surdas, realizada no palco com piso de madeira, proporcionando que os discentes surdos sentissem a vibração do som pelos pés descalços e, também, pelas mãos colocadas na madeira do piano. Essa oficina revelou que é possível dar um novo sentido ao fazer musical para pessoas surdas.



Assim sendo, acreditamos que esta oficina seja o marco para tantas outras que poderão ocorrer com estudantes ouvintes e surdos. Ainda, esperamos que este relato possa servir como guia para aqueles pesquisadores e professores interessados no ensino de música para pessoas com deficiência.

Referências

GOMES, Júlio César Ferreira; SOUZA, Catarina Shin Lima de. Professor Piano: tecnologias e inclusão na educação musical. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 27., 2017, Campinas. *Anais...* Campinas: ANPPOM, 2017. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2017/4994/public/4994-16311-1-PB.pdf. Acesso em: 28 jul. 2025.

GUERREIRO, Augusto Deodato. *Comunicação e cultura inclusivas*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2012.

HAGUIARA-CERVELLINE, Nadir. *A musicalidade do surdo: representação e estigma*. São Paulo: Plexus, 2003.

LOURO, Viviane. *Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência*. São Paulo: Editora Som, 2012.

_____. *Jogos e atividades para a educação musical inclusiva*. São Paulo: Editora Som, 2018.

PERLIN, Gládis. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (orgs). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RODRIGUES, Marisa Nóbrega; GUIMARÃES, Aluska Danyelle Souto de Souza; ALBUQUERQUE, Patrícia Belisário Souza. Do instituto dos cegos ao ingresso no curso de licenciatura em música da Universidade Federal de Campina Grande: um estudo de caso. In: Encontro sobre Música e Inclusão, 6., 2018, Natal. *Anais...* Natal: EMI, 2018. Disponível em: <https://ojs.musica.ufrrn.br/emi/article/view/43/39> . Acesso em: 28 jul. 2025.

_____. Ensino de teclado para um aluno com síndrome de Down: possibilidades e desafios. In: Encontro sobre Música e Inclusão, 7., 2019, Natal. *Anais...* Natal: EMI, 2019a.



_____. Ensino de piano para uma aluna surda: relato de experiência. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 29., 2019, Pelotas. *Anais ... Pelotas*: _____ 2019b. Disponível _____ em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2019/5966/public/5966-20650-1-PB.pdf . Acesso em: 28 jul. 2025.

SCHAMBECK, Regina Finck. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 24, n.36, 23-35, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/598/462>. Acesso em: 28 jul. 2025.

TOMÉ, Dolores. *Introdução à musicografia Braille*. São Paulo: Global, 2003. 109 p.

